



Manipulação pela paz na capa do jornal *Meia Hora*

Vinícius César Lisboa Soares*

Resumo: Publicado pela editora O Dia S. A. desde 2006, o jornal popular *Meia Hora de Notícias* traça uma trajetória ascendente no *ranking* dos mais vendidos do país. Na capa do dia 17 de abril de 2008, o veículo dá ressonância à declaração de uma autoridade militar que se posiciona de forma favorável ao saneamento social como tática eficaz para o controle do crime. Muito além de reproduzir o conteúdo, o enunciador explora-o visual e intertextualmente, revestindo-o da linguagem popular e controversa que marca sua linha editorial. Respalado por um contrato fiduciário, o *Meia Hora* projeta um enunciado em que a paz é o objeto-valor. Contudo, o caminho para atingi-la passa por uma explícita caçada aos criminosos, desumanizados pelo intertexto que produz o codinome de “mosquitos do mal”. O enunciatário é, então, manipulado por tentação a apoiar a ação proposta pelo enunciador. A análise da narrativa faz-se possível com o empréstimo da teoria das zonas de visualização da página, de Edmund C. Arnold, e revela uma minuciosa construção semiótica. Em busca de uma identificação exacerbada, o jornal diz aquilo que o leitor quer ouvir e oferece uma solução sob medida para seus problemas: o saneamento social. Ao sujeito da narrativa, o *bopecida*, é assegurado o poder de agir de modo enérgico, o que vai de encontro aos próprios direitos constitucionais.

Palavras-chave: público-alvo, intertextualidade, contrato fiduciário, jornalismo

1. Apresentação da análise

Os últimos três anos marcaram o nascimento e a ascensão do jornal *Meia Hora de Notícias*. O público de jornais mais tradicionais do Rio de Janeiro, como *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, viu-se, não raramente, escandalizado com a abordagem escolhida pelo meio para tratar de violência. A capa do dia 17 de abril foi especialmente impactante por abordar abertamente o combate ao crime como saneamento social. A declaração do coronel Marcus Jardim que excluía os bandidos da humanidade, igualando-os a mosquitos *Aedes aegypti*, foi celebrada pelo jornal, que deu o alarde: “Treme, vagabundagem!”.

Geralmente discriminado por fazer uso da linguagem popular e por ter forte apelo erótico, o *Meia Hora* tem o título de formador de opinião, muitas vezes, ignorado, já que segue uma linha diferente dos jornais tradicionais. Tais características constituem um enunciador vazio e inculto, ou um hábil comunicador, que sabe precisamente como atingir seu público? Uma leitura mais crítica aponta para a segunda opção.

Apesar do tratamento dado à violência, sempre em destaque devido ao emprego de termos não muito convencionais, a capa do dia 17 de abril sustenta a paz

como objeto-valor, com a finalidade de oferecer ao enunciatário uma imagem positiva (paz), que resultaria da ação projetada no enunciado (combate enérgico à criminalidade). Nesses termos, o jornal posiciona a paz como elemento eufórico de sua axiologia e realiza uma manipulação por tentação, que levaria o enunciatário a apoiar as práticas veiculadas na edição. Com base na teoria semiótica, será apresentada uma análise mais minuciosa, que visa à confirmação das proposições mencionadas.

2. O *Meia Hora de Notícias*

Lançado em 2006 pela Editora O Dia S. A., o jornal *Meia Hora de Notícias* foi planejado para se tornar um concorrente do *Extra*, publicação do Grupo Infoglobo, dirigida às classes D e E. Contudo, a linha editorial diferenciada, o formato compacto e o preço competitivo definiram um novo público. As notícias, geralmente relacionadas a casos policiais, esportes, amenidades e celebridades, são escritas de forma coloquial, com doses de humor e figuras de linguagem nas manchetes, consideradas de mau gosto por grande parte da população das classes mais elevadas.

No ano de sua fundação, o *Meia Hora* já era o nono jornal do Brasil em circulação, com tiragem diária

* Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço para correspondência: (viniciusrj06@gmail.com).

média de quase 130 mil exemplares. Em 2007 foi registrado um aumento de 58,38% e também uma tiragem média de aproximadamente 205 mil jornais, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC). O veículo alcançou, então, a sexta posição no quadro nacional e a terceira no estadual, superando jornais tradicionais como o *Estado de Minas* e o *Correio Brasileiro*, bem como *O Dia*.

O sucesso de vendas foi tamanho que o Grupo Infoglobo lançou o *Expresso*, para fazer frente ao estrondoso crescimento. Os *slogans* do *Meia Hora*, “Nunca foi tão fácil ler jornal”, e do *Expresso*, “Direto ao que interessa”, caracterizam bem as estratégias de promoção do novo segmento do jornalismo fluminense, que se dirige ao público-alvo com assuntos (supostamente) do seu interesse, abordados de forma dita simples e descontraída.

3. Descrição da capa

A reportagem central da edição de 17 de abril de 2008 (ver Figura 1 na página seguinte) ocupa um espaço superior a 3/4 da página e refere-se às declarações do então coronel da polícia militar do Rio de Janeiro, Marcus Jardim, chefe do 1º Comando de Policiamento de Área (CPA): “A PM é o melhor inseticida contra a dengue: é o SBPM, não deixa nenhum mosquito em pé”, “Os marginais assassinam as pessoas, são mosquitos do mal. E o policial é um saneador, que tem que defender a população” (trechos selecionados pelo jornal para a matéria de capa da edição).

Para retratar o acontecimento na capa, o jornal lança mão de duas manchetes, uma com os dizeres “Treme, vagabundagem!”, em faixa vermelha abaixo do logotipo da empresa, e a outra no canto superior-direito, em fonte menor apenas que a da logomarca, anunciando: “Bopecida, o inseticida da polícia”. Ambas estão em caixa alta com letras garrafais em negrito. Todo o canto esquerdo foi preenchido por uma montagem que aproveitou a embalagem do inseticida SBP, acrescentando o escudo do Bope, o título “SBPM”, caricaturas de criminosos sob miras e a frase: “Eficaz contra vagabundos, traficantes e assassinos”.

Abaixo da manchete principal, está o subtítulo, “Terrível contra os marginais”, seguido de um resumo: “Coronel PM avisa: ‘Os marginais são mosquitos do mal. E o policial é um saneador’”. Ontem na Penha, pacientes com dengue ficaram na linha do tiro durante confronto na Vila Cruzeiro”.

Posicionado na porção inferior-central do *layout* está

um boxe que se refere a outra matéria, publicada na página quatro. Ela retrata a prisão do criminoso que ficou conhecido como Ninja de Caxias, por ter utilizado uma espada para mutilar a ex-mulher. Fábio da Conceição Salgado, de 27 anos, entregou-se alegando temer ser morto em retaliação. Nas investigações foi constada a prática de rituais satânicos na casa em que Fábio e a ex-mulher moravam. O indiciado declarou que incorporava o demônio.

A estrutura de duas manchetes com letras garrafais em caixa alta e negrito é mantida. A superior, também em uma faixa vermelha e cor branca, declara: “Tinha medo de morrer e se entregou”. A inferior, em preto, diz: “Ninja de Caxias vai para a jaula”.

O fundo do boxe é ilustrado pela imagem de Fábio detido, com as mãos para trás, enquanto um policial, no lado esquerdo, levanta a camisa do acusado para mostrar a tatuagem do diabo em seu peito. No lado direito, outro policial, com um fuzil pendurado no pescoço segura o Ninja. Uma mão não identificada carrega a espada enferrujada que cruza a imagem horizontalmente. Superposto à foto está o texto resumo: “Pilantra (C) que incorpora o demônio cortou os braços e dedos da ex-mulher com uma espada. Agora, ele vê o sol nascer quadrado”.

O canto inferior-direito da página é dividido por mais uma manchete e um selo promocional. Os dizeres “Vasco vence e Fogão empata na Copa do Brasil”, relativos aos jogos dos clubes Vasco e Botafogo, posicionam-se acima do selo “Feirinha do lar de número 13”.

A manchete possui a faixa vermelha com o nome da editoria, “Esportes”, e letras garrafais em negrito e centralizadas, impressas sobre o fundo bege. O selo possui um fundo azul, as palavras “feirinha” e “lar”, coloridas e com fonte “infantil”, e o número 13 em lilás. A ilustração é destacada por um fundo vermelho que possui o título “Selo feirinha”.

A porção superior da página é cortada horizontalmente pela logomarca do jornal, pelo preço (R\$ 0,50) e por outro selo, o curinga, da promoção que visa à distribuição de medalhas de São Jorge aos leitores que colecionarem os quadrados de papel publicados diariamente no *Meia Hora*.

O selo está em círculo bege, superposto à faixa negra do logotipo. O fundo do quadrado é azul, com o título “Medalha de São Jorge” em letras douradas na parte de cima e a palavra “curinga” em letras garrafais brancas na de baixo. No canto inferior-esquerdo está uma medalha circular dourada. O nome do santo está em caixa alta, assim como a identificação do curinga.



Figura 1

4. A paz projetada

Antes do desenvolvimento da análise, é válido mencionar as palavras de José Luiz Fiorin, que descreve sinteticamente o modo como a semiótica concebe o simulacro do processo de geração de sentido do texto, metodologia que será adotada neste trabalho:

A Semiótica previu três níveis de concretização no percurso gerativo do sentido: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um deles é invariante em relação ao seguinte, que é variável. Todos eles têm uma sintaxe, que é a maneira de organizar os conteúdos, e uma semântica, que são os investimentos de sentido estruturados pela sintaxe. O plano do conteúdo, gerado nesse percurso, manifesta-se por um plano da expressão. Essa unidade de manifestação é o texto [...] (2008, p. 127).

Todo texto possui uma narratividade, e a capa de um jornal não seria diferente. É um recorte da realidade apurada pelo veículo, projetada como enunciado de modo a atender os objetivos e direcionamentos pretendidos. Elementos do plano da expressão e do conteúdo revelam um padrão que é usado em toda a página.

Em 1965, o pesquisador Edmund C. Arnold publicou o livro *Tipografia y Diagramado para Periódico*. A obra continha os resultados de análises empíricas elaboradas pelo americano, que chegou a conclusões

até hoje utilizadas por *designers*. Arnold formulou o conceito de zonas de visualização da página. De acordo com a teoria, o leitor, ao se deparar com uma página, a cruzaria rapidamente com os olhos, traçando uma diagonal que iria do canto superior esquerdo ao inferior direito.

A teoria das zonas de visualização da página define, portanto, que há uma linearidade em qualquer texto impresso. Como uma especialização do *design*, a diagramação de jornal não poderia ignorar tal teoria. Logo, um analista, ao debruçar-se semioticamente sobre o enunciado, também não. Por conseguinte, a teoria do americano far-se-á presente ao longo do texto como opção metodológica que complementar a estruturação da narrativa, de modo a enriquecer a fundamentação e as observações.

Considerando a capa como um enunciado integrado constituído de um todo de sentido, e a diagonal de Arnold como um eixo possível da narrativa projetada, teríamos o seguinte resultado: o jornal *Meia Hora* alerta “Treme, vagabundagem!”, Bopecida caça bandidos como insetos; Ninja de Caxias entrega-se por medo de morrer; e, por fim, o leitor chega às notícias de esporte e ao selo da “Feirinha do lar”.

Dentre todos os actantes narrativos, dois estão bem claros no enunciado: o sujeito e o antissujeito. De um lado, o Bopecida, saneador e, de outro, os criminosos, “mosquitos do mal”. A ação realiza-se no sentido de combate ao crime, figura do tema da violên-

cia, cujo fim implicaria diretamente a paz, que é, então, o objeto-valor, figurativizado pelo lar e pelo entretenimento (futebol), projetados no enunciado. Implícito no texto está o destinador, subentendido na posição da polícia como prestadora de serviços à população. A sociedade daria a motivação ao sujeito, que teria a missão de solucionar seus problemas. Caracterizados os actantes narrativos, aprofundemos a análise.

Dois adjuvantes ainda não identificados participam da narrativa. O primeiro seria São Jorge, representado pelo selo curinga da medalha, posicionada na parte superior da página. Sua presença instaura uma isotopia da religiosidade, geralmente relacionada à proteção e à fé. As próprias cores que compõem o selo, azul

e dourado, constituem um ponto de alívio na página, com fortes contrastes de vermelho e preto. Vale observar que a cor azul só é usada em mais um elemento do texto, o selo “Feirinha”, que concretiza o objeto-valor. A opção pode ser entendida como uma relação semissimbólica da cor, relacionada aos conteúdos positivos. O segundo adjuvante seria o próprio *Meia Hora*, que potencializa a caça aos bandidos dando o alarde: “Treme, vagabundagem!”. Com relação à topologia, o fato de a medalha de São Jorge estar posicionada ao lado do logotipo do jornal, no topo da página, constrói um verdadeiro campo de adjuvantes no cabeçalho da capa (ver Figura 2).

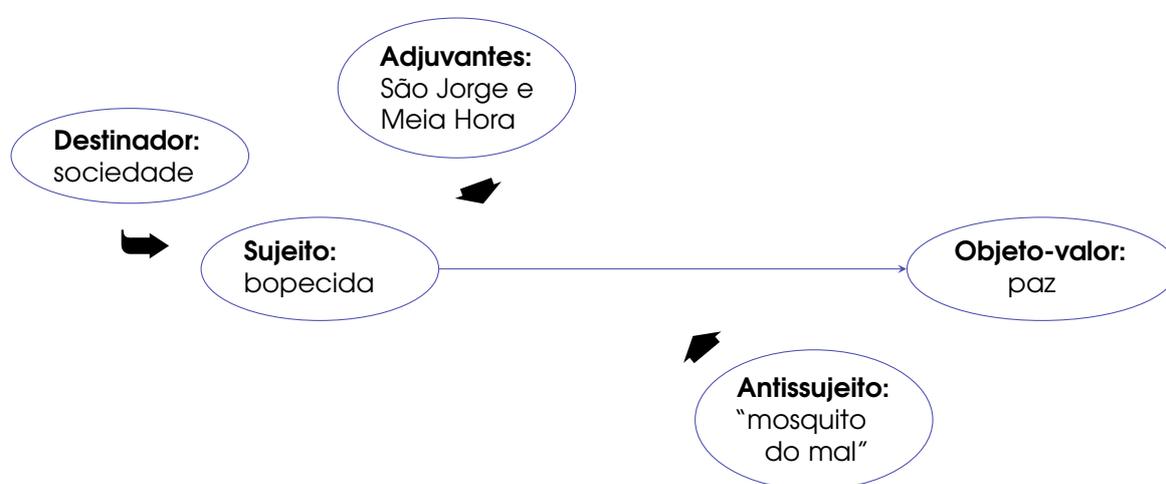


Figura 2

O sujeito é identificado pelo grande frasco de Bopecida que ocupa todo o canto esquerdo da página. A sigla SBPM, o logotipo da corporação e a própria embalagem são um intertexto entre o combate ao crime e à dengue. A relação entre policial e inseticida continua no plano do conteúdo, com o emprego do *slogan* do SBP, “terrível contra os insetos”, transformado em “terrível contra os marginais”. Na porção inferior do vidro de SBPM, os dizeres “eficaz contra vagabundos, traficantes e assassinos” contribuem para a construção que fortalece a metodologia adotada para a obtenção da paz. O sujeito é, então, revestido da competência necessária (o *poder agir*) à junção com o objeto-valor, pois sua eficácia contra a criminalidade é apresentada como equivalente à eficácia do inseticida contra o inseto.

O embrião da relação é a declaração do Coronel PM, usada não somente como justificativa para o intertexto, mas também como argumento de autoridade. A debragem interna dá voz ao interlocutor: “os marginais são

mosquitos do mal. E o policial é um saneador.”

Apesar de o interlocutor ser o coronel, é válido reconhecer que declarações diretas utilizadas em um jornal são frases previamente selecionadas pelo próprio veículo. As palavras podem ser do coronel, mas são incorporadas pelo enunciado do *Meia Hora*, reforçado pela debragem interna em discurso direto. Trata-se de um filtro que escolhe o que é mais adequado para a construção de sentido pretendida. O verbo declarativo usado para delegar voz, “avisa”, esclarece a intenção de criar um clima de temor.

A imagem negativa projetada, que permite a manipulação, é a do antissujeito. A estratégia escolhida pelo jornal para construir o perfil deste actante é vinculá-lo a elementos negativos. Do mesmo modo que a polícia é relacionada ao inseticida, o criminoso é associado a seu alvo, o inseto. Relembrando a data da edição, 17 de abril, a conexão se fortalece, já que se insere no clímax da maior epidemia de dengue vivida pelo Rio de

Janeiro. Unidas, as duas maiores mazelas que afligiam a população carioca culminam num único antissujeito: “o mosquito do mal”. A relação que se estabelece entre “mosquito do mal” e o termo “jaula”, presente na manchete “Ninja de Caxias vai para a jaula”, contribui para construir a isotopia da animalidade, que destitui o bandido de sua condição humana.

Outra relação é costurada para consumir o caráter condenável do antissujeito. Seguindo o eixo da narrativa, a segunda manchete traz o Ninja de Caxias, “pilantra que incorpora o demônio cortou braço e dedo da ex-mulher com uma espada”, como define o *Meia Hora*. Considerando a formação cristã da sociedade brasileira, não há elemento mais disfórico que o demônio. Sua presença no texto completa a abordagem do tema da religião, construído pela figura de São Jorge, pólo positivo, e pela do demônio, negativo.

Mais uma vez, o plano da expressão contribui para a construção de sentido. No *alto* da página, está São Jorge, suspenso e projetado fora do eixo da narrativa. Apesar de ser o adjuvante, permanece distante e requer esforço para ser atingido (união dos selos). Já o demônio está na parte inferior, misturado à notícia e a seus personagens, destilando sua influência sobre o bandido, que, além de “mosquito do mal”, é agora seu servo. O duelo entre o sagrado e o profano revela-se em uma oposição topológica, que aproveita os conceitos cristalizados socialmente de céu e inferno, acima e abaixo do sujeito. Com tal relação, o enunciador fortalece a disforização do antissujeito, atrelado à figura do demônio.

O papel do Ninja de Caxias na trama é ainda mais profundo. Sua posição, posterior ao início da ação saneadora realizada pelo sujeito, pode ser interpretada como consequência positiva da eficácia dos procedimentos adotados pela polícia. A chamada da faixa vermelha, “tinha medo de morrer e se entregou”, é uma comprovação do aviso “Treme, vagabundagem!”. Perante a caça aos infratores, para sua própria segurança, o antissujeito decide entregar-se.

Ainda no boxe do Ninja de Caxias pode ser identificada uma narrativa anexa. Seu sujeito é o antissujeito do programa de base da narrativa principal, o criminoso, representado pela figura do Ninja, manipulado pelo destinador, medo, que se evidencia na chamada: “Tinha medo de morrer e se entregou”. Seu objeto-valor é permanecer vivo. Há uma contraposição peculiar no que diz respeito ao papel da polícia. Aquele que deveria ser o antissujeito por caçar os criminosos, de acordo com a lógica vigente no texto, recobre outro actante, o adjuvante, que conduz o sujeito à prisão, local em que sua vida estaria resguardada, pela lógica projetada. O antissujeito são as pessoas que põem em xeque a vida do Ninja e que fizeram com que ele tivesse medo da morte. A narrativa contribui duplamente para manipular o enunciatário, pois evidencia o quão eficaz é o

saneamento social, que leva aqueles que não acabam mortos a se entregar, e, ao mesmo tempo, a bondade do sujeito, que atua como adjuvante de seu próprio inimigo (tradicional).

Um novo ponto de vista traz outra narrativa embutida no mesmo boxe noticioso. Posicionando como sujeitos os policiais que prendem o Ninja, encontra-se um programa de uso do enredo maior: a prisão dos bandidos, que é objeto deste fragmento da narrativa. Essa etapa configura a vitória sobre o antissujeito, dominado pelos policiais na fotografia. Em tal narrativa, o sujeito busca cumprir uma meta necessária para a conquista do objeto-valor (paz): o fim da criminalidade.

O campo visual é importante na análise desse programa de uso. Fotografados de baixo, os policiais bem armados e imponentes demonstram a força do sujeito, que domina o antissujeito e exibe sua relação com o demônio, representada pela tatuagem da face monstruosa em seu peito. A arma do Ninja, a espada, também está nas mãos da polícia, o que potencializa a ideia de submissão, já que o *poder* do antissujeito agora está fora de seu alcance. É interessante observar também o ambiente fotografado: um lugar com paredes claras e iluminadas, que remete ao caráter positivo da situação.

Vencido o antissujeito, a diagonal de Arnold nos conduz ao último elemento do programa de base, o objeto-valor. O espaço destinado ao actante é menor que aquele reservado ao restante da narrativa, o que enfatiza, topologicamente, a ação do sujeito, um percurso longo, projetado com cores fortes, palavras agressivas e figuras do tema da violência. O objeto-valor traz para a análise mais duas isotopias figurativas, a do futebol e a da família. A manchete da editoria de esportes não possui imagens, mas é destacada pela fonte das letras, em preto, caixa alta e negrito, e pela centralização das palavras. O contraste com o fundo claro ajuda a salientar o desejado final feliz, que, para o enunciatário, envolve tão valorizado elemento de nossa cultura, o futebol. Os termos “Vascão” e “Fogão”, no aumentativo, apresentam-se como expressões comuns aos dois pólos do sujeito da enunciação, estratégia eficaz para produzir identificação com o público. A vitória e o empate nos jogos noticiados pelo jornal são resultados positivos e contribuem para a festividade. As figuras do futebol recobrem o tema do entretenimento.

Em maior destaque, no canto inferior direito, está o selo “Feirinha do lar”. O fundo vermelho realça o conteúdo em azul, cor que preenche o selo. Novamente, letras garrafais em branco contrastam com o vermelho, dando maior visibilidade ao objeto-valor. Os dizeres “Feirinha do lar” dão um traço infantil ao componente, pela fonte descontraída e colorida com tons diferentes dos utilizados no restante da página, como o amarelo, o verde, o roxo e o laranja. Tal caráter infantil é outra figura que recobre o tema da família, reforçado pelo lar

e pela feira, elementos do cotidiano familiar.

A narrativa, por estar em um jornal, precisa respeitar características intrínsecas da linguagem jornalística. Ainda que se dirija às classes populares de forma não convencional, o *Meia Hora* não abre mão de certos recursos que são necessários para afirmar sua credibilidade. Três princípios podem ser destacados para facilitar a análise: a temporalidade, a objetividade e a periodicidade.

A temporalidade diz respeito à distância entre o fato e o momento em que o leitor o lê no jornal. Quanto menor for o espaço de tempo entre a ocorrência e a notícia, melhor. Tal característica também é fundamental em termos semióticos, pois o simulacro que rege a relação entre enunciador e enunciatário, no caso de um jornal diário, inclui enunciados referentes a fatos que ocorreram há pouco tempo, de preferência, no dia anterior. Destrinchando as frases projetadas, percebe-se uma preponderância *enunciativa* na categoria dêitica de tempo. O momento de referência é sempre o presente, e os tempos verbais são, em alguns casos, concomitantes a ele e, em outros, não. Os tempos utilizados no enunciado são: os presentes gnômico, factual e iterativo e o pretérito perfeito I (que indica anterioridade com relação a um momento de referência *presente*). Também se emprega o modo imperativo. O uso do pretérito na frase seguinte merece atenção especial: “Ontem na Penha, pacientes com dengue ficaram na linha do tiro durante confronto na Vila Cruzeiro”. A oração situa o fato no tempo mais próximo possível para um jornal impresso (“ontem”), fortalecendo o princípio em questão. O presente pontual representa fatos cobertos pelo jornal, como em: “Vascão vence e Fogão empata na Copa do Brasil”. Ao utilizar o momento de referência presente para retratar fatos já ocorridos, o enunciador se vale de uma embreagem temporal enunciativa que constrói o efeito de “notícia quente”, muito valorizado na linguagem jornalística.

A objetividade é a questionável capacidade do veículo de ser imparcial e distanciado dos fatos. A principal evidência que remete a essa característica encontra-se no modo como é utilizada a categoria dêitica actancial, predominantemente *enunciva* na capa analisada, ou seja, com todos os termos na terceira pessoa. A soma desse elemento ao presente gnômico, tempo mais comum do texto, constrói o efeito de verdade. O revestimento da objetividade torna o conteúdo veiculado inquestionável. Intencionalmente, o jornal transgride a regra no momento em que usa a debreagem enunciativa de pessoa: “Treme, vagabundagem!”. Ao construir o simulacro de que está se dirigindo diretamente aos bandidos, o *Meia Hora* elabora uma ameaça, muito mais eficaz pela troca de debreagens, e mostra, inequivocamente, o perfil ideológico dentro do qual seu discurso se insere.

A periodicidade, que se refere à regularidade das publicações, está mais presente em detalhes como o cabeçalho, que traz a ideia de uma estrutura que se repete, e os selos, cujas coleções dependem de uma continuidade. Ao utilizar tais elementos presentes na mídia tradicional, o jornal projeta a imagem de credibilidade conferida aos veículos de comunicação, dando ao enunciado, de forma mais eficaz, o efeito de verdade comprovada.

Reforçada pelas estratégias citadas, a combinação do presente gnômico, da debreagem actancial enunciva e da autoridade que reveste a fala do Coronel PM cria a maior verdade veiculada pelo jornal na edição estudada: “Coronel PM avisa: ‘Os marginais são mosquitos do mal. E o policial é um saneador’”. O interesse em persuadir fica evidente perante tamanha ênfase. Habilmente, a fala é atribuída ao interlocutor, apesar de ser trabalhada em muitos aspectos da página, elaborada pelo enunciador.

O tema central do enunciado fica claro ao observar-se o plano da expressão. O espaço na página reservado à questão do combate à violência, bem como a recorrência de contrastes fortes ao retratá-la somam-se à superioridade do assunto no plano do conteúdo, revelada pelo intertexto e pela grande quantidade de traços de sua isotopia. Representadas visualmente e verbalmente, as figuras do policial e do bandido, bem como seus “sinônimos”, “saneador” e “mosquito do mal”, ilustram grande parte da capa. A ênfase dada ao tema no conjunto do texto contribui de forma determinante para a definição do eixo principal do enunciado. A oposição entre violência e paz constitui a categoria semântica básica no nível fundamental.

Há um direcionamento claro na narrativa: a negação da violência que implica a paz. Toda a ação do sujeito gira em torno de pôr fim à criminalidade. A partir de tal observação, é possível compor a axiologia do texto: no pólo disfórico, encontra-se a violência; no eufórico, a paz.

Um leitor com pensamento crítico provavelmente relutaria em aceitar tal afirmação após se deparar com um discurso favorável ao saneamento social. Pois bem, a paz é, sim, o objeto-valor do enunciado projetado. Constitui-se em imagem positiva, oferecida ao enunciatário pelo jornal. Atrás do explícito, o texto guarda seu verdadeiro direcionamento no nível pressuposto.

5. A paz convence

A análise do enunciado revelou um perspicaz comunicador que constrói seu discurso com detalhes determinados por estratégias que o tornaram, em três anos, um dos jornais mais vendidos do país. O sucesso do veículo reside na exacerbada identificação com o público, cujo perfil é explorado ao extremo.

Engenhoso, o *Meia Hora* soube reconhecer o *éthos* discursivo do enunciatário e trabalhá-lo a seu favor.

Elementos do plano da expressão e do conteúdo demonstram o cuidado arquitetônico na composição da capa. Que público é esse?

O enunciatório do jornal, em primeiro lugar, não dispõe de muito tempo para ler, o que pode ser concluído a partir de elementos projetados no texto, o que inclui o formato do jornal. Tal afirmação fica clara se observados a brevidade dos textos que acompanham as manchetes, a quantidade de notícias apresentadas, o grande espaço destinado a imagens e o tamanho do corpo do texto. Para atingir o enunciatório com eficácia, o próprio nome já carrega a ideia de velocidade, *Meia Hora de Notícias*. A logomarca, com a representação das duas metades do relógio, figurativiza essa ideia. Ainda no cabeçalho, o destaque vai para o preço, superexposto para atrair a atenção de um enunciatório que não possui grande poder aquisitivo, ou não está interessado em ter grandes gastos com informação.

A escolha lexical num registro mais popular revela um enunciatório com pouca escolaridade. O cunho do termo “Bopecida” é outro indício de baixa instrução, pois, ao pé da letra, a expressão significaria “matador de BOPE”, já que o inseticida é o matador de insetos e o fraticida, de seus irmãos. O termo é de origem popular já que, como revela a reportagem do jornal, foi inventado pelos moradores da Vila Cruzeiro. Do povo para o povo, o neologismo é mais uma conexão para a identificação.

Inclui-se no perfil do enunciatório a crença na religião cristã; caso contrário, não caberia a oferta de selos da medalha de São Jorge nem a ênfase dada à relação do Ninja de Caxias com o demônio. Além de acreditar em Deus, o enunciatório valoriza a família, o que pode ser justificado com o selo “Feirinha do lar” e seu papel de componente do objeto-valor. Um terceiro tema de interesse do enunciatório é o lazer, cuja importância é a mesma dada à família, já que ambos são os objetivos da narrativa.

Outra importante característica sua é o interesse pelo tema da criminalidade, que constitui um problema diário enfrentado pela população. O grande enfoque dado à cobertura de crimes reflete a dimensão da demanda por tal informação. Dois terços das notícias veiculadas na capa do jornal dizem respeito ao assunto. O intertexto com a dengue é o fator chave para mais uma delimitação. O jornal objetiva atingir a população afligida pela violência e pela epidemia da doença. Dentro do repertório discursivo do enunciatório estão também o SBP e o Bope, componentes das duas isotopias.

O principal indício para a definição do perfil do enunciatório está relacionado ao combate à criminalidade. Se não fosse favorável a uma política governamental enérgica, o enunciatório incomodar-se-ia ao ler termos como “vagabundos” e “jaula” ou entrar em contato com ideias como a de “detetização social”. O público-alvo

do *Meia Hora* necessariamente tem posição favorável à caça aos bandidos sem muita “burocracia”, seja essa opinião uma leve inclinação, seja ela uma militância.

O plano da expressão revela um enunciatório que precisa ser captado com exageros. Os contrastes e cores fortes em combinação com imagens impactantes, como a do frasco de Bopecida, ilustram bem esta afirmação. Há poucos espaços brancos na página, que não possui sobriedade alguma, seja nas cores, seja nas palavras. As manchetes sensacionalistas têm o mesmo objetivo. Obtém-se com tais projeções um tom enérgico planejado para atingir um enunciatório sensível a esse tipo de estratégia.

Ao mesmo tempo, as formas previsíveis refletem um desejo por ordem. Retângulos de tamanhos diferentes compõem toda a página, que, apesar de chamativa, é estruturada com elementos de contorno tradicional. A utilização de expressões como “marginal”, “pilantra” e “vagabundagem” mostra a repulsa pelos infratores.

Demonstrações de força também são do gosto do enunciatório. Elas estão representadas pelas armas expostas na fotografia e pelo tamanho do frasco de Bopecida que ultrapassa o limite do box de sua notícia e esguicha um conteúdo que cruza a página em destaque, por ser branco em fundo preto.

Conhecido o perfil do enunciatório, o jornal apresenta uma solução sob medida para os seus problemas. A narrativa desenvolve-se em torno de um combate severo à criminalidade, que vai às últimas consequências para eliminar o bandido, comparado a um inseto. Apesar da violência, apresentada como necessária, o caminho culmina na paz, tão sonhada pelo leitor que perde parentes e conhecidos, vítimas do crime. Resentido e indignado, ele não hesita em acreditar que de fato aquele é o tratamento que os “vagabundos” merecem. A vitória sobre os marginais, representada pela paz familiar e pelo lazer proporcionado pelo futebol, seria o resultado de uma verdadeira campanha de guerra contra o crime.

Apoiar a ação de saneamento social levaria o enunciatório a uma vida de paz? Na narrativa, sim. Esta é a imagem oferecida na capa do jornal, projetada como uma epopeia contra o crime. Não conceder apoio à caçada poderia contribuir para que “mosquitos do mal”, ninjas mutiladores de mulheres e bandidos inspirados pelo demônio fossem deixados à solta. Tentação e intimidação aparecem unidas na mesma manipulação. Por meio dessa construção, o enunciador leva o enunciatório a compartilhar seus valores. Norma Discini, na obra *O estilo nos textos*, define bem tal processo, em que:

Um Sujeito leva outro a querer e dever entrar em conjunção com um objeto de valor, o valor de uma totalidade, aqui sobremodalizado por saber informações de uma dada realidade. [...] Um destinador, então, manipula um

destinatário, para que este queira e deva entrar em conjunção com os saberes, com as informações sobre uma dada realidade, a fim de que possa se incluir nessa mesma dada realidade (Discini, 2003, p. 118).

O texto traz, na dimensão pressuposta, uma narrativa. O *Meia Hora*, que exerce a manipulação, seria o destinador que busca fazer o enunciário entrar em conjunção com os valores construídos pelo jornal. Em caso de sucesso dessa manipulação, cria-se um simulacro dentro do qual o enunciário (metonimicamente representando a sociedade) deveria conceder à polícia o poder para realizar as ações necessárias. O antissujeito, implícito, seria todo o respaldo de direitos do criminoso como ser humano, o que, a princípio, se constituiria em uma relação polêmica com o discurso contruído pela capa em questão.

Junto à manipulação está um conjunto de ideias que, somadas, remetem a um pensamento conservador, composto por traços presentes no texto, como: agressividade no combate à desordem, desumanização do inimigo, fé religiosa como adjuvante, autoridades militares como exemplos, família e esportes coletivos como sanções positivas, demonstração de força e uso de símbolos.

O verdadeiro poder da manipulação ideológica está na axiologia inegável que a narrativa apresenta. Por mais que um destinatário recuse os métodos, ele não poderá negar que o direcionamento favorável à paz é correto. Caso insista em não aceitar o direcionamento narrativo, pode perfeitamente ser condenado por assumir a descabida posição “contrária à paz”, que implica uma atitude “pró-violência”.

Após aceitar o *saber* conferido pelo destinador, o leitor (sujeito), como cidadão, atribui à polícia um *poder* para agir conforme a narrativa sugere. Na narrativa pressuposta se partiria então para a ação, ainda que esta contradiga outros pressupostos, os constitucionais.

6. A paz desejada

Toda ideologia implícita na “irreverente” capa do *Bope* só é publicável porque já faz parte da consciência de uma parcela da sociedade. Apesar dos termos desrespeitosos, não é conclamada nenhuma novidade, nem formulado nenhum novo paradigma. Neste caso, a manipulação age mais como uma força reiteradora que, em vez de dotar o sujeito pressuposto de um

saber, apenas o confirma.

Como em um debate entre aliados, cristalizam-se os conceitos. O público pensa algo, que em seguida é dito pelo jornal ao próprio público, consolidando suas ideias. O interesse por reafirmar traduz-se em lucratividade. Vendo a si mesmo num jornal que pensa como ele, o leitor é motivado a comprar. Os temas de interesse e a linguagem próxima não lhe acrescentam muito, mas o entretêm. Mais uma vez, citando Discini em sua análise sobre o *Notícias Populares*, podemos ilustrar bem a discussão: “Trata-se do enunciador e enunciário que, além de (o modo de ser) ser o não-austero, deixa de buscar, dia após dia, qualquer informação além das restritas ao próprio circuito imediato de experiências [. . .]” (Discini, 2003, p. 134).

O jornal, como meio de comunicação, além de ser conivente com esse processo, é parcialmente responsável por ele. Aquele que poderia trazer informação e instrução para o leitor prefere retrabalhar ideologias que nascem sem muita reflexão ali mesmo, nos vagões de trem e metrô que circulam pela cidade diariamente. É claro que nem todas as ideias são reiteradas, somente aquelas que fazem parte dos interesses do jornal. As marcas projetadas na capa do *Meia Hora* remetem a um enunciário que acata a solução oferecida pelo enunciador, por meio de uma manipulação baseada na tentação e na intimidação.

No entanto, seguindo o enunciado analisado, o senso comum concluiu rapidamente que com inseticidas não se combate a dengue. É preciso uma política de conscientização e prevenção para que a doença não se alastre ano após ano, fazendo vítimas aos enxames. Repelentes, telas ou janelas fechadas só isolam de um problema que é flagrante e que, mesmo com todas as medidas de segurança, pode adentrar cada casa. Matar mosquitos nunca será eficaz, a única solução é tornar realidade as práticas preventivas. Enquanto houver água parada, haverá dengue. E crime. Cabe a nós o intertexto. ●

Referências

- Discini, Norma
2003. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luiz
2008. Semiótica discursiva. In: Lara, Gláucia Muniz Proença *et al.* *Análises do discurso hoje*. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 121-144.

Dados para indexação em língua estrangeira

Soares, Vinícius César Lisbôa
Manipulation towards Peace on the Cover of the Newspaper *Meia Hora*
Estudos Semióticos, vol. 5, n. 2 (2009)
ISSN 1980-4016

Abstract: Edited by O Dia S.A. since 2006, the popular newspaper *Meia Hora de Notícias* has been consistently one of the most successful newspapers in the country. On the cover of the issue released on April 17, 2008, it reflects military authority whose position is favorable to social sanitation as an efficient means to crime control. Going beyond a mere reproduction of a polemical statement, the enunciator explores visually and intertextually the contents by enfolding it in the popular and controversial language style that characterizes the newspaper editorial line. In the midst of the questionable fourth power, the *Meia Hora* projects “peace” as the main goal (object) in its discourse. However, the proposed way to reach this alleged peace is said to be by hunting criminals, here deprived of their humanity by the ascribed nickname “mosquitoes of evil”. The enunciatee is then manipulated by “temptation” to search for “peace” as the object, in an attempt to disguise the real action proposed by the enunciator. The analysis takes into account the Edmund C. Arnold’s page visualization zones theory in order to establish a linear organization of the narrative as a means to reveal its careful semiotic construction. Aiming at a real identification with its enunciatee, the newspaper offers “social sanitation” as an “effective solution” to their problems. This is done by ascribing to the subject of this narrative – the “bopecida” –, the power of acting in a vigorous way even if this means shaking off constitutional rights.

Keywords: target-public, intertextuality, fiduciary contract, journalism

Como citar este artigo

Soares, Vinícius César Lisbôa. Manipulação pela paz na capa do jornal *Meia Hora*. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 89–97. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 30/11/2008

Data de sua aprovação: 04/03/2009
